

Quando o deus da guerra era uma mulher: Inanna/Ishtar a deusa guerreira da Antiga Mesopotâmia

SIMONE APARECIDA DUPLA*

Resumo

A guerra foi apresentada como um território tipicamente masculino no mundo antigo, inclusive na designação das divindades que representavam e comandavam esse espaço, como Ares dos gregos, o deus Marte dos romanos e Javé dos hebreus. Mas a Mesopotâmia contradiz essa tradição ao ter uma divindade feminina como deusa da guerra, capaz de lutar a frente dos exércitos, de defender o rei e seus domínios e até mesmo de se deleitar com o campo de batalha, fazendo dele seu parque de diversões. O presente texto discute as representações de Inanna como deusa e patrona da guerra, atividade predominantemente masculina na Antiga Mesopotâmia e suas configurações simbólicas no imaginário religioso mesopotâmico.

Palavras chaves: guerra; Mesopotâmia; Inanna.

Abstract

The war was presented as a typically male territory in the ancient world, including the names of the deities represented and ruled that space, as Aries the Greek, the Roman god Mars and the Yahweh of the Hebrews. But the Mesopotamia contradicts this tradition to have a female deity as a goddess of war, able to fight in front of the armies, to defend the king and his fields and even revel in the battlefield, making it your playground. This paper discusses the representations of Inanna as goddess and patroness of war, predominantly male activity in ancient Mesopotamia and its symbolic settings in Mesopotamian religious imagery.

Key words: war; Mesopotamia; Inanna.



* SIMONE APARECIDA DUPLA é doutoranda em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Introdução

A região que compreende o atual Iraque, foi conhecida na Antiguidade como Mesopotâmia, termo grego que significa ‘entre rios’, no caso desse território, o rio Tigre e o rio Eufrates que desembocam no Golfo Pérsico. Os impérios que se formaram nesse espaço foram tanto efêmeros quanto abundantes e deixaram milhares de documentos de toda espécie, desde contratos de casamentos até poemas dedicados aos deuses, e é graças a esses registros encontrados que, diversos aspectos dessa civilização são analisados e apresentados à sociedade hodierna.

Os primeiros assentamentos urbanos tiveram lugar na região sul do território, denominado de Baixa Mesopotâmia. Devido à ausência de obstáculos naturais as urbes que foram se formando ao longo dos milênios precisavam se proteger dos constantes ataques de outros povos¹, que vinham para esse espaço com o intuito de pilhar ou se estabelecer. Daí a construção de fortificações ao redor das cidades, como é o caso da muralha de Uruk, cuja intenção entre outras coisas era impedir as incursões nômades e dos povos montanheses (SANMARTIN, 2008, p. 66-72).

Assim, entre as práticas humanas da Antiga Mesopotâmia, a guerra foi uma constante. Os conflitos tanto internos quando externos constituíram-se como parte da herança cultural dos habitantes do kalam², que tendo a religião como elo fundamental de identidade permitiu assim a criação de representações

voltadas às batalhas, tanto que seus deuses eram levados às trincheiras, chamados a guerrear com e pelo povo.

No âmbito mesopotâmico uma divindade em especial foi louvada como deusa da guerra, contrariando o campo como atividade predominantemente masculina, a deusa Inanna/Ishtar era considerada a representante divina que possuía uma belicosidade terrível e temível tanto pelos seres humanos quanto pelo restante do panteão.

O presente texto é parte da dissertação de mestrado defendida, onde utilizou-se os conceitos de representação de Roger Chartier (1990) e imaginário de Sandra Pesavento (1995), além das considerações acerca do sagrado de Mircea Eliade (1999).

As fontes selecionadas são provenientes do ETCSL (Corpus Eletrônico de Literatura Sumeriana), da Universidade de Oxford e da coletânea de textos de autores que estudam o Antigo Oriente Próximo e trabalham na tradução dos tabletes com escrita cuneiforme. Nessa narrativa discute-se as representações de Inanna como deusa e patrona da guerra e suas configurações simbólicas no imaginário religioso mesopotâmico.

Inanna/ Ishtar³ guerreira: aspectos e símbolos.

Inanna foi a terceira integrante da tríade astral mesopotâmica, vindo atrás de An⁴ e Enlil⁵. Para autores como Samuel Noah Kramer (1999, 2004), Jean Bottéro (2001, 2006), Joaquín de Sanmartin (1993) e Maria Vazquez

¹¹ Notadamente de tronco linguístico semita, como os amorreus, provenientes principalmente das estepes sírias da margem direita do Eufrates, os arameus e os habirus.

² Palavra de língua suméria para designar o espaço ocupado por essa cultura, ou seja, o país.

³ Inanna é um nome sumério, já Ishtar é de origem semita. A região mesopotâmica usava ambos os idiomas para comunicar-se, mesmo após o acádio (os acádios eram do tronco semita) tornar-se língua oficial, o sumério permaneceu como língua culta nos documentos.

⁴ Deus dos céus.

⁵ Deus do ar ou da atmosfera.

Hoys (2006) ela foi a mais importante representante feminina das divindades mesopotâmicas, cuja importância foi tal que eclipsou outras deidades, chegando o seu nome semítico ser sinônimo de deusa, ou seja, representando assim qualquer divindade feminina.

Como deusa relacionada à guerra, Inanna recebeu muitas interpretações acerca dessa função a contrapelo de sua personalidade erótica e ligada às práticas sexuais em geral. As tentativas de explicação de sua personalidade bélica vão desde sua representação enquanto divindade astral, sua conduta caprichosa ou alteração de sua característica como deusa da fertilidade para uma deidade marcial em prol dos interesses templários e reais.

Thorkild Jacobsen aponta que teria sido no processo de humanização dos deuses, especialmente daqueles de caráter meteorológicos⁶, que estes teriam passado a ser representados como guerreiros montados em seus carros para o combate. O sumeriólogo acredita que “por isso encontramos o caráter guerreiro de Inanna e suas habilidades com as armas sendo comemorada desde os primeiros mitos, como a narração de sua batalha contra a montanha Ebih” (JACOBSEN, 1976, p. 137).

O autor destaca que o seu poder como deusa da tempestade e da guerra estariam relacionados em muitos documentos, inclusive cita trechos de hinos onde essas relações se apresentavam (JACOBSEN, 1976). As inscrições reais que se referem aos aspectos bélicos e conquistadores de Inanna se intensificaram a partir do período Paleoacadio⁷, mas são

encontrados também em épocas anteriores. Nos mitos que dizem respeito a essa divindade também é possível perceber sua conexão com os conflitos armados, como o relato Enmerkar e o Senhor de Aratta, onde aspectos de amante e guerreira são expostos (SANMARTIN, 1993, p. 316).

Joaquín de Sanmartin acredita que a personalidade intensa, volúvel e apaixonada de Inanna sejam algumas das características que se relacionam aos seus aspectos bélicos, frutos de sua sede de poder e de posse. A divindade era apresentada como aquela que desejava constantemente expandir seus domínios e utilizava todos os esforços necessários para atingir seu objetivo (SANMARTIN, 1993).

Para o autor a face sanguinária e sem piedade da deidade surgiu ou teve o seu ápice a partir de meados do terceiro milênio, e estava ligada a política expansionista dos reis, que buscavam na deusa uma forma de assegurarem sua presença no trono e legitimarem suas guerras de conquista, dessa forma, “a política real esteve sempre interessada em sublinhar o caráter guerreiro de uma divindade que contribuía de um modo determinante para a sustentação da ideologia real” (SANMARTIN, 1993, p.316), além disso, era a deusa quem determinava a duração do reinado e mantinha o rei sob sua égide.

Assim, desde o terceiro milênio os reis se esforçavam por conseguir os favores da deusa e garantir os seus próprios interesses, pois esta era colocada como defensora e companheira do monarca tanto no amor quanto na guerra. Na guerra a divindade era aquela que estava à frente do rei, a líder dos exércitos, como aponta o mito *A corte de Inanna e*

⁶ Deuses da chuva, dos raios e da tempestade.

⁷ O termo refere-se à época anterior ao império acadiano de Sargão I, que já possuía

características imperialistas e ênfase na sobrehumanidade do monarca.

Dumuzi em que a divindade dialoga com o monarca e futuro esposo:

Na batalha eu te lidero
No combate sou sua armadura
Na assembleia sou sua advogada
Na campanha sou sua inspiração
(KRAMER & WOLKENSTEIN, 1988, p.44).

Na dinastia de Akkad, iniciada por Sargão I (2334-2279), Inanna, já sob o nome acádio de Ishtar, aparece com o epíteto de Ishtar-Anunîtum, a Ishtar Guerreira. Esse apelativo se intensificou nos períodos posteriores devido à política expansionista assíria em meados do segundo milênio. Ambiciosa e caprichosa era capaz de servir-se da violência ou da astúcia para alcançar seus objetivos, para Sanmartin (1993), uma deusa rancorosa e vingativa. Ao citar o mito *Inanna e Shukaletuda*⁸, o autor deixa transparecer uma visão machista em sua interpretação, pois coloca que a divindade teria ignorado ou esquecido que ela própria teria provocado o abuso sexual o qual sofrera (SANMARTIN, 1993, p. 317-319).

Além disso, Joaquín de Sanmartin não crê que esteja clara a relação entre a belicosidade e o erotismo da divindade e o seu aspecto puramente astral, possivelmente a Inanna estelar teria dado origem a sua dimensão erótica, a terrena esteve ligada ao culto da vegetação. Sua personificação enquanto deusa do Amanhecer, como aquela que abre as portas do céu, teria sido a justificativa para sua função

⁸ Este texto relata que Inanna teria chegado até os jardins de Shukaletuda e cansada resolvera dormir a sombra de uma árvore. O jardineiro que espionava no outro extremo do jardim, ao ver que a divindade dormia, o jardineiro se aproximou e a violou. Ao despertar Inanna percebe o ocorrido e sai em busca de seu agressor despejando várias pragas até encontrá-lo e castigá-lo.

guerreira, pois os qualitativos bélicos se entrelaçam nos astrais, onde demonstram seu esplendor terrível em diversos textos (SANMARTIN, 1993, p. 322).

Gwendolyn Leick também apresenta uma Inanna/Ishtar bélica relacionada principalmente à cultura semita e ao poderio dos monarcas do período Paleobabilônico (LEICK, 2003). Para a autora, a divindade teria aparecido como a heróica Senhora das Batalhas no terceiro milênio e na época da III Dinastia de Ur⁹ teria sido associada ao desejo sexual e a energia libidinal.

No período de Shuruppak/Fara¹⁰, também conhecido como Protodisnástico III, em que a cidade de Ur teve papel predominante e um regime econômico fortemente centralizado, com produção de muitos arquivos¹¹ (SANMARTIN, 2008), os monarcas assumiram obrigações relativas ao culto dos deuses, principalmente no que diz respeito a cultos da fertilidade, e em períodos posteriores a sacralização do rei era oficializada por meio do casamento com Inanna. Assim o conceito de “legitimação do domínio através do consentimento divino converteu-se num importante fator de ideologia do governo mesopotâmico” (LEICK, 2001, p. 111).

Os aspectos masculinos e agressivos de deusa estariam relacionados, para Gwendolyn Leick (2003), a textos com conotações políticas, como inscrições reais que a ligavam aos governantes das dinastias, uma vez que durante o terceiro milênio os conflitos frequentes

⁹ 2150- 2100.

¹⁰ 2550-2355.

¹¹ É nesse período que surgem as primeiras composições literárias sumérias, passando pouco depois a conter nas composições nomes também semíticos.

entre as cidades-estados e as exteriores acabaram por colocar as divindades dinásticas e locais a marchar tomando lugar como chefe dos exércitos de seus domínios. Assim, “em algum momento talvez no período Sargônico, Inanna juntou-se às fileiras dos deuses guerreiros” (LEICK, 2001, p. 65).

Esta representação da deusa como marcial não pode ser entendida como puramente negativa, ou seja, a ideia de guerra apenas como caos e destruição, pois esteve relacionada a um processo ‘civilizatório’ das culturas mesopotâmicas sobre outras, dado suas características imperialista e expansionista advindos desde os períodos de Uruk e se intensificando e cristalizando no Acadiano. Daí em diversos documentos¹², como os hinos, por exemplo, a divindade ser apresentada como a deusa suprema, a senhora do universo e versos escritos trazerem hipóteses e comparativos exagerados, o que contribui com a ideia de superioridade tanto da deusa quanto de seus devotos.

Inanna guerreira, a Senhora das Batalhas, era aquela que estava sempre peleando, louvada como a mais valente entre os deuses. Aquela que tinha a última palavra na assembleia. A divindade era descrita como aquela que se sentia feliz em meio à batalha e que chamava os guerreiros ao combate. Para a deusa, a guerra era uma grande festa, mas nela se apresentava com seu aspecto terrível, provocando temor, lutando mesmo durante a noite, Inanna era aquela que nunca descansava (BOTTERO & KRAMER, 2004, p.

220-230), demonstrando dessa forma todo vigor dos seus exércitos e inspirando-os a lutar.

O patronato de Inanna representava poder e civilização, e como poder evocava conquistas (de prestígio, de territórios), a divindade demonstrava seu poderio conquistando novos redutos, submetendo povos e cidades-estados, expandindo e propagando o modo de viver de sua cidade natal, ou seja, alimentando aquilo que Guilherme Algaze denominou de sistema mundo de Uruk (ALGAZE, 2004).

Durante o final do terceiro milênio, por exemplo, o nome de Inanna aparece evocado para garantir a vitória sobre os Gutis¹³ (Qutu) e expulsá-los do Kalam. No texto exposto abaixo, o rei de Unug¹⁴ de nome Utukhegal, que reinou entre os anos de 2123 a 2113, apresentava sua vitória sobre esse povo e informava que foi até a deusa Inanna para pedir seu apoio na empreitada na qual saiu vencedor:

(Então) ele (Utukhegal) foi até a deusa Inanna, sua Senhora, (e) rezou a ela (dizendo):

“Minha senhora leoa da batalha, que massacras as terras estrangeiras, Enlil (me) indicou para trazer de volta a soberania de Sumer. Seja minha aliada!” (PEINADO, 2001, p. 148-149)

As canções hínicas dedicadas à deusa também trazem a descrição de seu aspecto marcial. Um tigi¹⁵ datado do segundo milênio faz referência à divindade como aquela que já havia nascido tendo por preferência as armas

¹² Tais documentos encontram-se disponíveis nos arquivos digitais e tradicionais de universidades e museus, como é o caso da ETCSL, da Universidade de Oxford, além de coletâneas redigidas por diversos especialistas na temática.

¹³ População montanhosa proveniente dos montes Zagros que conquistou a Mesopotâmia por volta de 2150.

¹⁴ Uruk.

¹⁵ Composição hínica, significa “cantar de timbal” ou de tímpano.

e a conquista. Assim o documento a louva dizendo:

Adotaste desde o ventre de tua mãe a defesa e as armas (...) Quando marchas contra o país rebelde, o longínquo país das montanhas, passas os dias no tumulto da luta,(...) Senhora, frente a ti ninguém se mantém firme na luta, grande filha de Zu-em, que se levanta no céu¹⁶, que irradia um terrível prestígio (PEINADO, 1988, p. 31-33).

Um balbale¹⁷ também dedicado à divindade coloca esta como narradora, Inanna provoca os deuses dizendo que ninguém se iguala a ela em poder, o próprio Enlil teria lhe dado o poder da batalha e dos combates, o céu e a terra para reinar. Provoca o restante do panteão se referindo a eles como bando de pássaros medrosos, exclama que apenas ela era a rainha, a doadora de vida, aquela que entrava no templo de Enlil sem precisar se anunciar, a guerreira que possuía muitos templos em diversas cidades e que divindade alguma poderia se comparar a ela (PEINADO, 1988, p. 46-47).

Um hino escrito por Enkheduanna, filha ou neta de Sargão I, também louva os aspectos bélicos de Inanna, além de trazer outros atributos, demonstrando que para os sumérios não havia conflitos entre as distintas qualidades da deusa:

(...) Inanna do céu e da terra, que faz chover fogo flamejante sobre a terra, os MEs te foram dados por An, rainha que cavalgas sobre as bestas, que sobre as ordens de An pronuncias divinas palavras! Quem pode entender teus grandiosos ritos!

¹⁶ Menção a Inanna como planeta Vênus em sua personificação de estrela da manhã.

¹⁷ Canto falado, acompanhado por instrumentos musicais, o balbale agregava cantos aos deuses, ao rei, além de canções de amor.

Destruidora das terras estrangeiras, tu destes asas a tormenta, amada de Enlil, tu fizeste a tormenta soprar sobre a terra, tu executaste as instruções de An!.

Minha rainha, diante de tua voz as terras estrangeiras se inclinam (...)

(...) Minha rainha, os Anunna, os grandes deuses, fugiram de ti como morcegos agitados, não puderam permanecer diante de tua face pavorosa, não puderam se aproximar de teu pavoroso perfil.

Quem pode acalmar teu coração caprichoso?

Teu coração funesto não pode tranquilizar-se!

Rainha, de sentimentos felizes, de coração alegre, mas cuja ira não pode ser abrandada, filha de Zu-em;

Rainha, suprema na terra, que sempre prestei homenagens! (...)

Contra a cidade que não disse: “tua é a terra”, que não disse: “pertences ao pai que te concebeu”, você decretou sua palavra santa, te afastaste dela, não há aproximaste de teu seio, a mulher não falará de amor com seu esposo, na noite profunda não sussurrará ternamente com ele, não revelará os desejos de seu coração.

Desenfreada vaca selvagem, antiga filha de Zu-em,

Rainha mais poderosa que An, que sempre prestei homenagem, (...) Misericordiosa mulher, doadora de vida, de coração radiante (...) (PEINADO, 1988, p. 48-50)

É bom salientar que esses hinos embora mencionem os qualitativos marciais da divindade, também a apresentam como a doadora de vida, aquela que promove a justiça, além de seus adjetivos relacionados ao mundo astral e a sua atuação enquanto deusa do amor em todas as suas manifestações.

Os aspectos bélicos de Inanna foram louvados em diversos hinos, os quais comparavam sua fúria, por exemplo, com a de um dragão ao mesmo tempo em que a caracterizavam como dotada de uma alegria extraordinária, como é o caso desse hino sumério:

Senhora, nascida de Ningal
jubilosamente para a alegria,
Como um dragão você possui a
força de aniquilamento,
Inanna, nascida de Ningal
jubilosamente para a alegria,
Como um dragão você possui a
força de aniquilamento.
Estas entronizada sobre um
tormenta de vento (...)
Adotaste desde o ventre de tua mãe
a defesa e as armas (...)
Senhora, frente a ti ninguém se
mantem firme na luta, filha de Zu-
en, que se levanta o céu, que irradia
pavoroso prestígio (...) (PEINADO,
1988, p. 31-32)

Outro qualitativo, que também era um dos símbolos que a representava e acompanhava foi o leão, a iconografia o apresenta subjugado a seus pés (figuras 01 e 02), por vezes ela aparece segurando esse animal por uma coleira e com apenas um dos pés sob seu dorso. Para essa reprodução imagística, Inanna representaria domínio sobre as feras, a qual ela aparecia subjugando e domesticando. Por outro lado, o leão era símbolo de força e realeza o qual se relacionava também a guerra nas culturas do Antigo Oriente Próximo, possivelmente fazia menção aos aspectos dominador e marcial da divindade que era considerada a patrona do exército. Outra relação possível seria com o caráter colonizador e conquistador das culturas mesopotâmicas, principalmente dos acádios.

Figura 01

Impressão de selo cilíndrico, datado do II milênio, proveniente de Ishchali. Ishtar guerreira, segurando cimitarra e maça, leão aos seus pés e *sugurra* na cabeça. Ao lado Enki, deus das águas doces e outra deidade masculina.



Fonte: FRANKFORT, Henri. **Stratified Cylinder Seals from the Diyala Region**. Oriental Institute Publications 72. Chicago: University of Chicago Press, no. 940

Vale lembrar que a *Panthera leo persica*¹⁸ era um dos maiores felinos daquelas paragens, e o fato de estar sempre subjugado, caçado ou preso a uma coleira remete a representação da superioridade dos povos mesopotâmicos que conquistavam e submetiam seus inimigos. Thorkild Jacobsen em sua obra *The Treasures of Darkness*, afirma que o leão era uma das imagens ou emblemas dos deuses do trovão. *Inanna* dessa forma teria uma de suas personificações relacionadas à tempestade e a chuva, ela era descrita como correndo “com sua carruagem puxada por sete leões, ela monta um leão, ela era o leão” (JACOBSEN, 1976, p.136).

Nesse sentido, os leões sendo protótipo de esplendor, força e majestade, possivelmente o domínio da deusa sobre estes poderia demonstrar sua superioridade diante do inimigo, sua sede de lutas e ferocidade que chegavam a ser selvagens em campo de batalha. *Inanna* assustava com seu rugido, amedrontava com sua presença feroz e imponente e enfrentava os guerreiros adversários.

Um dos poemas dedicados à *Inanna* e citados por Thorkild Jacobsen, por exemplo, apresenta a divindade sendo comparada a uma tempestade que ruge (JACOBSEN, 1976, p.136), daí possivelmente o imaginário que comparava o movimento da tempestade ao rugido do leão e associava-os a uma das personificações da deusa. Além disso, o som do trovão poderia evocar o ritmo das batalhas com flechas rasgando os céus, o tilintar das espadas e o rufar dos tambores.

Dragão, leão, leoa, a força e a ferocidade da divindade eram qualificados de muitas maneiras, ela aniquilava o inimigo, o campo de batalha era seu parque de diversões, onde festejava fazendo o sangue jorrar. Nesse sentido, é perceptível que o uso de hipérboles e metáforas pelo poeta era um recurso de linguagem que tinha a função de promover e salientar aspectos relevantes para o culto e o cotidiano daquela sociedade em contextos diversos. Era também uma forma de propagar a crença em uma divindade de caráter múltiplo, que podia atender a diversos aspectos da sociedade, que podia se relacionar a uma multiplicidade de devotos.

Figura 02

Desenho de selo cilindro datado do I milênio, proveniente da Assíria. Inanna/Ishtar sobre o dorso de um leão e vestida como deusa da guerra.



Fonte: AMIET, Pierre. **Art in the Ancient World: A Handbook of Styles and Forms**. London: Faber and Faber, 1981, p.137.

¹⁸ Nome científico do leão mesopotâmico.

Além disso, é possível que essa diversidade de características fosse um recurso real e templário para manter a sociedade coesa, uma tentativa de homogenia por meio de uma divindade que podia reunir muitos aspectos em torno de si. Mas é importante salientar que essas adequações e acréscimos não são ocasionais, uma vez que esse caráter múltiplo foi atestado desde seus primeiros vestígios, o que caracteriza formas de permanência e adaptações aos contextos, um dinamismo que acompanhava sempre a deidade.

Inanna era a deusa de uma miríade de símbolos e funções, era a mãe misericordiosa e a dama guerreira, a amante voluptuosa, a vaca selvagem, a senhora da justiça, a conquistadora, aquela que transformava homens em mulheres, que frequentava as tavernas e ruas em busca de companhia, que conquistava territórios divinos e humanos. Esta era Inanna cantada nas fontes, apresentada e representada na iconografia, perpetuada no culto, temida e amada como qualquer divindade mesopotâmica.

A jovem patrona de Uruk, cujo espaço sagrado oscilava entre a guerra e as práticas sexuais, o leito e campo de batalha elevou-se como uma das mais importantes divindades mesopotâmicas, mesmo quando o deus Marduk assumiu o posto de principal deidade do panteão, Inanna manteve sua presença e importância, inclusive dividindo lugar com ele no Akitu¹⁹, tomando seu lugar a assembleia divina e na protagonizando o *hieros gamus*.

¹⁹ O Akitu, ou Akiti, era o festival de comemoração do ano novo, embora o mais conhecido seja o Akitu babilônico em honra ao deus Marduk, essa festa das primícias era celebrada desde o III milênio, tendo como primeiros registros a cidade de Ur e ganhando proeminência nos períodos neo-assírio e neo-babilônico.

Algumas considerações

Os documentos que fazem referências à divindade demonstram que Inanna/Isthar não era apenas uma deusa guerreira, mas que os aspectos exaltados da divindade, mesmo que aparentemente dicotômicos, eram na realidade complementares. Amor e guerra, harmonia e conflito, justiça e vingança eram medidas sagradas, formas de ser e agir no mundo.

O fato de Inanna ser considerada uma deusa de personalidade complexa deve-se à ideia criada sobre a religião na Mesopotâmia ser descritiva e organizacional, ou seja, os deuses, segundo os critérios elaborados ainda aceitos pelos pesquisadores, deveriam ter funções bem definidas, cada qual deveria necessariamente atender um aspecto da ordem do mundo ou das carências dos seres humanos. Daí a personalidade de Inanna ser tão contraditória, pois além dela se relacionar a questões dissonantes ou contrárias entre si, também agrega poderes de outros deuses aos já consagrados como seus.

Interessa destacar que amor e guerra são relações de poder presentes tanto na esfera pública e privada de pessoas comuns quanto para a ideologia religiosa e estatal e todo o seu aparato de legitimação.

Assim, essas relações eram compostas com o intuito de harmonizar o corpo social, daí ditarem regras tanto para o amor e suas formas de expressão quanto para a guerra, fazendo com que a aparente dicotomia entre esses dois campos fossem apaziguados por meio de uma divindade que detinha poderes marciais e libidinais.

Referências

ALGAZE, Guillermo. **El sistema-mundo de Uruk**: la expansion de la primera civilizacion mesopotamica. Barcelona: Bellaterra, 2004.

AMIET, Pierre. **Art in the Ancient World**: A Handebook of Styles an Forms. London: Faber and Faber, 1981.

BOTTÉRO, J.; KRAMER, S. N. **Cuando los dioses hacían de hombres**. Madrid: Akkal, 2004.

CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

COHEN, M. E. The cultic calendars of the Ancient Near East. Bethesda: CDL Press, 1993.

ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Rio de Janeiro: Perspectivas do Homem/edição 70, 1967.

_____. **Imagens e símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ETCSL: t. 1.3.3. **Inana and Šu-kale-tuda**. Disponível em: <http://etcsl.orinst.ox.ac.uk/cgi-bin/etcsl.cgi?text=c.1.3.3&display=Crit&charenc=gcirc&lineid=c133.1#c133.1> Consultado em abril de 2015.

FRANKFORT, Henri. **Stratified Cylinder Seals from the Diyala Region**. Oriental

Institute Publications 72. Chicago: University of Chicago Press.

JACOBSEN, Thorkild. **The Treasures of Darkness**: a history of mesopotamian religion. New Haven and London: Yale University Press, 1976.

LEICK, G. **Sex and eroticism in Mesopotamian literature**. New York: Taylor & Francis, 2003.

_____. **Mesopotâmia**: a invenção da cidade. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

LÓPEZ, Jesus; SANMARTIN, Joaquín. **Mitología y Religion del Oriente Antiguo I**. Egito- Mesopotamia. Barcelona: AUSA, 1993.

PEINADO, Federico Lara. **Himnos sumerios**. Madrid: Molina, 1988.

_____. **Textos para la historia del Próximo Oriente Antiguo**. Madrid: Catedra, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em Busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário. São Paulo: **Revista Brasileira de História**: v.15, n. 29, 1995.

SANMARTIN, Joaquin; SERRANO, José Miguel. **Historia Antigua del Próximo Oriente**: Mesopotamia y Egipto. Madrid: Akkal, 2008.

Recebido em 2016-08-16
Publicado em 2017-05-04